

A IMPORTÂNCIA DE ALBERTO MAGNO NA CONTROVÉRSIA SOBRE A UNICIDADE DO INTELLECTO NO SÉCULO XIII E OS HERDEIROS GENUÍNOS DO SEU PENSAMENTO

THE IMPORTANCE OF ALBERTUS MAGNUS IN CONTROVERSY ABOUT THE INTELLECT UNITY IN THE XIII CENTURY AND THE GENUINE HEIRS OF HIS THOUGHT

Matteo Raschiatti¹

RESUMO

A finalidade desse artigo é analisar a importância do dominicano Alberto Magno na controvérsia sobre a unicidade do intelecto possível para toda humanidade (que ocasionou a condenação por parte do bispo de Paris em 1270, seguida por outra em 1277), e também destacar o legado que ele deixou com sua obra. Quem vai assumir mesmo este legado, antes que Tomás de Aquino, serão seus discípulos Dietrich de Freiberg e Meister Eckhart que, a partir de uma ampliação da doutrina aristotélica do intelecto, na qual é enxertado o tema da *beatitudo*, irão defender a ideia de que esta não é adiada, conforme pensava a tradição, à vida ultraterrena (*in patria*), mas já é possível neste mundo (*in via*).

Palavras-chave: Alberto Magno. Intelecto. Averroísmo. *De anima*. Mística Alemã.

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the role of Dominican Alberto Magno in the controversy over the uniqueness of the intellect possible for all humanity (which led to the condemnation by the Bishop of Paris in 1270, followed by another in 1277), and also to highlight the legacy that he left with his work. Who will assume

¹ Doutor em Filosofia pela Unicamp. Professor do Departamento de Filosofia da UNESP. *E-mail*: mbrasiliensis@uol.com.br

even this legacy, before Tomás de Aquino, will be his disciples Dietrich de Freiberg and Meister Eckhart who, from an extension of the Aristotelian doctrine of the intellect, in which the *beatitudo* theme is grafted, will defend the idea that this is not postponed, as tradition believed, to ultra-terrestrial life (*in patria*), but it is already possible in this world (*in via*).

Keywords: Albert the Great. Intellect. Averroism. *De anima*. German Mystic.

INTRODUÇÃO

Na Idade Média, a introdução no Ocidente latino dos comentários do filósofo muçulmano Averróis às obras de Aristóteles foi concomitante ao nascimento das Universidades. Nas primeiras décadas do século XIII, muitos desses comentários foram traduzidos por Miguel Escoto que, mesmo não sendo um adepto das teses averroístas, foi o primeiro a tornar conhecidos os comentários do filósofo de Córdoba, contribuindo assim à recuperação do patrimônio aristotélico na Europa. Junto com Avicena, Averróis representou uma das fontes mais importantes para respaldar a interpretação do *Philosophus* por antonomásia, Aristóteles: por causa disso, ele chegou a merecer o epíteto de *Commentator*, o Comentarador.

No esforço de compreender a doutrina aristotélica do intelecto que o Estagirita, às vezes em modo críptico, deixara registrado no *De Anima*, comentadores antigos e medievais (árabes, judeus e latinos), buscaram responder a várias questões, entre as quais: o intelecto é individual? O que significa que “é separado, impassível e sem mistura”?² Qual sua relação com o comportamento humano? Em que sentido ele pode sobreviver ao corpo? Os mestres medievais, após o ingresso das obras aristotélicas no ensino universitário (cuja leitura, a partir de 1252, tornara-se obrigatória), foram chamados a responder a essas questões, e suas posições nem sempre foram concordes, aliás: franciscanos e dominicanos, particularmente, travaram debates acalorados, cada um defendendo sua posição filosófica.

A finalidade desse artigo é analisar o papel do dominicano Alberto Magno na controvérsia com os defensores da unicidade do intelecto possível para toda humanidade, e também destacar o legado que ele deixou para a mística alemã. Esta análise se esforçará em mostrar que o bispo de Regensburg não se opôs aos assim chamados “averroístas”,

² ARISTÓTELES. *De anima. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis*. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 116.

adversários que, segundo Salman,³ ele não combateu nem neste opúsculo, nem nas obras da maturidade. O direito autoral da contestação sistemática ao averroísmo latino, fazendo jus à verdade, pertence ao aluno mais brilhante de Alberto, Tomás de Aquino. A inspiração que este último teve na controvérsia averroísta veio do seu mestre alemão, e, no final da história, acabou “ficando com todos os louros”. Com efeito, observa-se uma falta clamorosa de equidade na maioria das análises dos historiadores da filosofia ao interpretarem o século XIII: no afã de enaltecer a figura do dominicano de Roccaseca, passaram para o segundo plano a contribuição fundamental e o aporte original do pregador de Bollstädt, que foi mestre dele, como bem lembra Dante Alighieri no décimo canto da Divina Comédia.⁴ Sua atividade incansável em descobrir, coletar e comentar os escritos aristotélicos disponibilizados pelas novas traduções, tornou possível a síntese admirável que o discípulo soube realizar: sem aquela, Tomás talvez não teria alcançado os resultados expostos na obra *De unitate intellectus contra averroistas*.⁵

Os herdeiros legítimos da noética albertiana, entretanto, serão aqueles teólogos dominicanos que irão enxertar, na questão aristotélica do intelecto, fortes instâncias místicas, peculiaridades do *Studium generale* de Colônia fundado por Alberto Magno: Dietrich de Freiberg e Meister Eckhart.

1 AVERROÍSMO LATINO: CATEGORIA FUNDAMENTAL PARA ENTENDER O ARISTOTELISMO MEDIEVAL OU RÓTULO HISTORIOGRÁFICO?

Um dos temas de filosofia medieval mais debatido ao longo do século XX foi o assim chamado “averroísmo latino”. Quem por primeiro

³ SALMAN, D. *Albert Le Grand et l'Averroïsme latin*. In: *Revue des Sciences philosophiques et théologiques*, Vol. 24, No. 1 (1935), pp. 38-64.

⁴ “*Questi che m'è a destra più vicino, / frate e maestro fummi, ed esso Alberto / é di Cologna, e io Thomas d'Aquino*”: Este que está à minha direita mais próximo, foi meu irmão e mestre, e ele Alberto é de Colônia, e eu Tomás de Aquino. In: ALIGHIERI, D. *La divina commedia*. Vol 3: Paradiso. Roma: Armando ed., 2003, p. 192. Tradução nossa.

⁵ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *A unidade do intelecto contra os Averroístas*. São Paulo: Paulus, 2016. Tradução, introdução e notas: Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento.

utilizou esta categoria historiográfica foi Ernst Renan que, em 1852, escreveu a obra “*Averroès et l’Averroïsme : essai historique*”.⁶ Impregnado pelo espírito positivista da época, o ensaio do filósofo e historiador francês retrata Averroís e, sobretudo, os averroístas do século XIII como os paladinos da racionalidade em **época** medieval e os precursores do movimento iluminista. Entretanto, a historiografia mais recente (Pierre Mandonnet,⁷ Martin Grabmann,⁸ Fernand Van Steenberghe,⁹ René Antoine Gauthier,¹⁰ Alain De Libera,¹¹ só para mencionar os mais importantes), utiliza outras denominações, tais como “aristotelismo radical” ou “aristotelismo heterodoxo”, para indicar aquela tendência do pensamento filosófico ocidental da baixa Idade Média que, ao interpretar os textos aristotélicos, lançou mão dos comentários de Averroís aceitando, inclusive, aquelas conclusões (principalmente a eternidade do mundo e a unicidade do intelecto possível para toda espécie humana) que se chocavam com os dogmas da tradição cristã.

Gauthier distingue um primeiro averroísmo (1225-1265), caracterizado pela recusa da doutrina aviceniana de um intelecto agente separado e pela defesa da sua constituição intrínseca ao homem,¹² e um segundo averroísmo (segunda metade do sec. XIII),

⁶ Este ensaio histórico está disponível na internet em PDF. Cf. <https://archive.org/details/averrosetlaver00renauoft>.

⁷ MANDONNET, P. *Siger de Brabant et l’averroïsme latin au XIII^e siècle*. Louvain: Éd. Inst. Sup. de Phil, 1908-1911. Disponível em: https://ia800200.us.archive.org/27/items/sigerdebrabantet01mand/sigerdebrabantet01mand_bw.pdf

⁸ GRABMANN, M. *Siger von Brabant und Dante*. In: Deutsches Dante-Jahrbuch, vol.21 (Weimar: Böhlau Nachfolger, 1939), 109-130.

⁹ VAN STEENBERGHE, E. *Siger de Brabant d’après ses œuvres inédites, I*. Louvain: Éd. Inst. Sup. de Phil, 1931. *Idem. Maître Siger de Brabant*. Louvain-Paris: Publ. Univ.-Vander-Oyez, S.A., 1977.

¹⁰ GAUTHIER, R. A. *Notes sur les débuts (1225-1240) du premier averroïsme*. In: *Révue des Sciences Philosophiques et Theologiques*, 66 (1982), pp. 321-374.

¹¹ DE LIBERA, A. *Averroès et l’averroïsme*. Paris: Presses Universitaire de France, 1991.

¹² “Avicena fez do intelecto agente um intelecto separado da alma, e nisso ele se enganou. Averroís, ao contrário, fez do intelecto agente uma potência da alma, e ele estava certo. O primeiro averroísmo, é isto: a doutrina que faz do intelecto agente uma potência da alma”. GAUTHIER, R. A. *Op. cit.*, pp. 334-335. Tradução nossa.

no qual Averróis se torna o herege que defendeu a separação e a unicidade do intelecto possível para toda espécie humana. Centro desse movimento foi a Universidade de Paris e, em particular, a Faculdade de Artes, onde lecionavam os *artista*e Sígier de Brabante e Boécio de Dácia. Em seus comentários às obras de Aristóteles, os averroístas sustentavam a separação do intelecto possível, único para toda a espécie humana (como o intelecto agente), negando assim a imortalidade pessoal e a providência; o mundo, para eles, existia desde a eternidade e a necessidade dominava a vontade humana. O que eles enfatizavam, no entanto, era a autonomia da pesquisa filosófica em relação às verdades de fé: não professando como próprias as doutrinas aristotélicas, reivindicavam-nas como verdadeiras para a filosofia. Caso não concordassem com a verdade revelada, concluía-se que era impossível definir Aristóteles como um cristão: logo, deviam ser rejeitadas suas teses que, enquanto filósofos, reconheciam como verdadeiras porque coerentes com seus princípios. Os adversários dessa posição (totalmente alheia ao pensamento de Averróis), acusaram os averroístas de professar uma “dupla verdade” ou, antes disso, duas verdades distintas (*quasi essent duae veritates*).

Entre os estudiosos citados anteriormente, quem mais questionou a categoria do averroísmo foi Van Steenberghen, para o qual nenhum filósofo latino do século XIII abraçou as teorias do filósofo de Córdoba, nem mesmo Sígier de Brabante. A filosofia deste, segundo o estudioso belga, sempre procurou interpretar o pensamento genuíno de Aristóteles: “Não se conhece nenhum filósofo do séc. XIII que se apresentou como discípulo de Averróis, ou que retomou por própria conta o conjunto de suas doutrinas. [...] Sígier imita Averróis no seu culto ao Filósofo e ele lhe empresta a solução de vários problemas”.¹³ Assim, no lugar dos “averroístas”, os mestres da Faculdade de Arte seriam “aristotélicos radicais”, cujas teorias eram inconciliáveis com a ortodoxia cristã.

¹³ VAN STEENBERGHEN, E. *Maître Siger de Brabant. Op. cit.* p. 394 (apud: PETAGINE, A. *Aristotelismo difficile. L'intelletto umano nella prospettiva di Alberto Magno, Tommaso d'Aquino e Sigieri di Brabante*. Milano: Vita e Pensiero, 2004, p. 4. Tradução nossa).

Antes de Van Steenberghen, no entanto, o dominicano e historiador do pensamento medieval Pierre Mandonnet (cujos estudos deram um impulso notável às pesquisas sobre o aristotelismo latino, o tomismo e o averroísmo), divisou uma configuração no panorama filosófico do século XIII que, aproximadamente, pode ser esquematizada na seguinte forma: em um extremo, a posição heterodoxa dos averroístas originada pelas categorias aristotélicas passadas pelo crivo da exegese de Averróis; no outro extremo, os propugnadores da ortodoxia como Boaventura de Bagnoregio e os mestres franciscanos, adeptos do pensamento agostiniano e avessos a toda novidade trazida pela filosofia aristotélica; no meio, como ponto de equilíbrio, a perspectiva de Alberto Magno e Tomás de Aquino, que procuravam harmonizar o pensamento do Estagirita com a fé cristã. Esse esquema, embora um tanto simplificado, tem a vantagem de destacar a posição dos dominicanos como uma espécie de “justo meio” entre a posição da escola franciscana e a posição dos aristotélicos radicais, e nem Van Steenberghen chegou a questionar seu fundo de verdade.

De acordo com a releitura histórico-crítica das discussões parisienses realizada por Petagine,¹⁴ hoje o averroísmo é considerado mais um rótulo historiográfico do que uma categoria consolidada. Mesmo assim, é suficiente fazer uma pesquisa simples no Google para perceber como o termo “averroísmo” está ainda em voga. Isso pode ser explicado com o fato de que, no século XIII, o pensamento do filósofo, médico, matemático e juiz de Córdoba influenciou real e decididamente os intelectuais das Universidades recém inauguradas, ainda que não tenha existido um movimento identificado como “averroísmo latino”. O professor Loris Sturlese,¹⁵ endossando uma declaração de Ludwig Hödl, discípulo de Grabmann, segundo a qual o juízo de Van Steenberghen não faz jus à história do impacto epocal do averroísmo na Idade Média, pergunta-se se, utilizando a mesma lógica do historiador belga (que

¹⁴ Cf. nota anterior.

¹⁵ STURLESE, L. *L'averroismo nella cultura filosofica tedesca medievale*. In: *Averroismus im Mittelalter und in der Renaissance*. (Friedrich Niewöhner – Loris Sturlese org.). Zürich: Spur, 1994, pp. 114-131. Tradução nossa.

desvalorizou totalmente a interpretação de Renan), “não seria possível também definir o *aristotelismo* em modo igualmente rígido, e concluir, por exemplo, com os mesmos argumentos de Van Steenberghen, que Tomás de Aquino foi sim cristão, mas não aristotélico”.¹⁶

Seja como for, a psicologia averroísta representou um termo de comparação fundamental para as obras de Alberto Magno (sobretudo em relação à imaterialidade do intelecto), e a influência dele se estenderá, inicialmente, à cultura alemã e, em seguida, também aos seus alunos e confrades dominicanos, entre os quais Tomás de Aquino.

2 ALBERTO MAGNO E A PROPAGAÇÃO DAS TESES AVERROÍSTAS

Quando da sua volta à Alemanha, vindo de Paris, à época da fundação do *Studium generale* em Colônia (1248), o dominicano de Bollstädt deu uma guinada radical à sua orientação intelectual: por um lado, começou seu grande plano de exposição sistemática do *corpus aristotelicum* a partir dos *Physicorum libri*, satisfazendo um desejo que seus confrades lhe manifestaram; por outro, com as lições *Super Ethica* (1250), principiou uma reflexão crítica sobre a relação entre filosofia e teologia. A influência de Averróis, em ambos os casos, foi determinante. Naqueles anos, a cultura europeia da Idade Média confrontava-se, pela primeira vez, com um sistema físico e metafísico totalmente novo para a tradição cristã, e era necessário escolher ideias e doutrinas que não contrastassem com o conjunto da fé cristã. Em relação a Aristóteles era preciso, segundo as palavras do próprio Alberto, “torná-lo inteligível aos latinos”.¹⁷

Na universidade de Paris, nesse meio tempo, deflagrara-se um conflito entre o clero secular e as ordens mendicantes pelo direito de ensinar na universidade. Esta era considerada a mais prestigiosa da

¹⁶ *Idem*, p. 114.

¹⁷ “*Nostra intentio est omnes dictas partes (physicam, metaphysicam et mathematicam) facere latini intelligibiles...*” (*Phys.*, 1.I, tr. 1, cap. 1). *Apud*: DE WULF, M. *Histoire de la philosophie médiévale*. Vol. 2. Louvain-Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1936, p. 133. Tradução nossa.

época para o estudo da teologia, e os estudantes provinham de muitas regiões da Europa. O latim era a língua oficial do ensino universitário, enquanto as comunidades dos estudantes estavam organizadas em quatro *nationes*, de acordo com a língua de origem: francesa (onde estudavam também os italianos), picarda, normanda e inglesa (onde estudavam também os alemães). Entre 1253 e 1254, os mendicantes se recusaram a aderir a uma greve do clero secular e um grupo de teólogos, chefiados por Guillaume de Saint-Amour, “escreveu um documento à Cúria Papal, solicitando que fossem negados às Ordens a competência universitária e o direito de existir. Alberto Magno apresentou-se como advogado das Ordens Mendicantes e, com sua brilhante argumentação, refutou todas as invectivas de Guillerme de St. Amour”.¹⁸

Em 1256, o mestre dominicano foi enviado a Anagni (onde, naquele momento, se encontrava a corte papal) para defender a causa das ordens mendicantes, permanecendo lá até 1257. Nesse ínterim, solicitado pelo papa Alexandre IV, Alberto sustentou uma disputa sobre a tese da unicidade do intelecto possível para toda espécie humana, defendendo, contra essa tese, a pluralidade dos intelectos e a imortalidade pessoal da alma. A redação definitiva desta disputa, conhecida como *De unitate intellectus*, foi realizada por volta de 1263; o bispo de Regensburg, em seguida, retomou o *libellus*, fez algumas modificações e o inseriu na segunda parte da *Summa theologiae*, sua obra mais tardia.¹⁹

Este tratado do dominicano alemão, análogo àquele posterior de Tomás de Aquino sobre o mesmo argumento, foi considerado por Salman como o documento de estreia do averroísmo no mundo latino.²⁰ O filósofo italiano Bruno Nardi, inclusive, na sua obra *Studi di*

¹⁸ RODRIGUES, D. L. *O conceito de memória na obra filosófica de Alberto Magno e seu significado para a educação*. Tese de Doutorado: Maringá, 2015, p. 36. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/teses/2015%20-%20Divania.pdf>

¹⁹ Cf. RODRIGUES, D. L. *Op. cit.*, p. 40.

²⁰ “As origens do averroísmo latino são conhecidas por um único documento, o *De unitate intellectus contra Averroem* de Alberto Magno”. SALMAN, D. *Op. cit.*, p. 38. Tradução nossa.

Filosofia Medievale,²¹ chega a afirmar que “a posição de Alberto Magno diante do averroísmo, no que se refere às relações entre o intelecto e o organismo humano, é aquela de um semi-averroísta que se esforça para tornar próprios os motivos essenciais da doutrina averroísta, mesmo procurando evitar seus absurdos”.²² Sem querer adentrar nessa diatribe, no entanto, uma análise atenta do *De unitate intellectus* não chega a confirmar essa tese, mas revela que, ao contrário, aquilo que o dominicano alemão propõe é uma reforma da psicologia averroísta, da qual, segundo Sturlese, “ele compartilha o objetivo primário de fundamentar a universalidade do conceito em modo não empírico, pretendendo fazer isso sem renunciar a enraizar no sujeito empírico a função intelectualiva”.²³

O mesmo autor sustenta que não é possível saber quando as traduções latinas de Averróis chegaram pela primeira vez na Alemanha, e tampouco por onde elas ingressaram.²⁴ À época do “primeiro averroísmo”, Alberto Magno encontrava-se nos conventos dominicanos alemães após ingressar na Ordem dos Pregadores, em 1223, na cidade de Pádua, prosseguindo, depois, sua carreira na cidade de Colônia.²⁵ Sua posição em relação ao filósofo muçulmano estava ligada ao modo de ele se relacionar com a filosofia aristotélica e com a filosofia pagã: já no comentário ao *Liber II Sententiarum*, afirma Sturlese, o dominicano de Bollstädt reparara que, no caso da ciência natural, era melhor confiar mais em Aristóteles “ou em outro que seja experto nas coisas da natureza”²⁶ do que em Agostinho; sua exposição

²¹ NARDI, B. *Studi di filosofia medievale*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1960.

²² *Idem*, p. 143. Tradução nossa.

²³ STURLESE, L. *Storia della filosofia tedesca nel medioevo. Il secolo XIII*. Firenze: L. S. Olschki, 1996, p. 108. Tradução nossa.

²⁴ STURLESE, L. *L'averroismo nella cultura filosofica tedesca medievale. Op. Cit.*, p. 116. Tradução nossa.

²⁵ Cf. RODRIGUES, D. L. *Op. cit.*, p. 35.

²⁶ “*Et si de naturis rerum loquatur, credo Aristotelis plus vel aliis experto in rerum naturis*”. S. ALBERTI MAGNI. *II Sent. apud* STURLESE, L. *L'averroismo nella cultura filosofica tedesca medievale. Op. Cit.*, p. 117. Tradução nossa.

das obras aristotélicas, vale ressaltar, era feita sempre ficando de olho nos comentários de Averróis. Também a reflexão albertiana sobre a relação entre filosofia e teologia evidenciava uma forte influência averroísta, que se traduzia no puro exercício da racionalidade independentemente da revelação, sobretudo no que dizia respeito à psicologia e sua análise da alma intelectiva, a partir do princípio: *homo est homo per intellectum*.²⁷ Dois pontos da psicologia averroísta, assumidos por Alberto, influenciaram decididamente a escola alemã medieval: primeiro, a consideração do intelecto enquanto intelecto (que é único) e enquanto faculdade do sujeito empírico (que é individual); segundo, a doutrina do “intelecto adquirido” (*intellectus adeptus*), após lograr o qual o homem “é perfeito em relação à sua atividade humana específica, quer dizer, em relação à contemplação e ao conhecimento, por si mesmo, da realidade imaterial”.²⁸ Através do intelecto adquirido, o ser humano transcende a contingência e se torna perfeito em relação à sua atividade especificamente humana: nisso, para Alberto, consiste a *beatitudo* suprema do ser humano, que não deve esperar o além para ver sua realização: “o *intellectus speculativus* é a base antropológica para o estágio da plenitude do entendimento humano, quer dizer, para obter o *intellectus adeptus*, resultante da união do *intellectus agens ut forma* com o *intellectus possibilis*”.²⁹

Esta doutrina parte de dois pressupostos aristotélicos: “todos os homens, por natureza, tendem ao saber”³⁰, e “[a atividade racional] será a felicidade completa do homem [...] e a felicidade perfeita é uma

²⁷ S. ALBERTI MAGNI. *De natura et origine animae*, I, c. 5 apud NARDI, B. *Op. cit.*, p. 25.

²⁸ ANZULEWICZ, H. *Sobre el desarrollo y posición de la teoría del conocimiento intelectual en el sistema de Alberto Magno*. In: AnáMnesis: revista semestral de investigación teológica, Vol. 21. n.º 41, pp. 81-82. Tradução nossa.

²⁹ *Idem*, p. 82.

³⁰ ARISTOTELE. *Metafísica*. Milano: Rusconi, 1999, 5ª ed., p. 2. Tradução nossa.

atividade contemplativa”.³¹ De acordo com o estudo de Di Giovanni,³² na perspectiva de Averróis (que Alberto Magno vai abraçar), esta atividade racional, quando visa conhecer as realidades divinas buscando a união com elas, “nobilita no máximo grau a vida do homem e a torna não só plenamente humana e bem-aventurada, mas até, de alguma forma, divina e imortal”.³³ Esse tipo de perfeição do intelecto, glosa Sturlese,³⁴ realiza-se com a pura razão e nesta vida atual: em outras palavras, é como se o dominicano de Bollstädt emitisse o alvará para a felicidade intelectual do filósofo se tornar possível neste mundo (*in via*), sem ter que esperar sua realização na vida ultraterrena (*in patria*).

A importância de Alberto Magno para a propagação das teses averroístas na Alemanha foi determinante, principalmente através das obras que escreveu (em particular, o tratado *De unitate intellectus*). Seus alunos no *Studium generale* de Colônia, ao continuar os estudos e se tornarem professores em Paris (Ulrico de Estrasburgo, Dietrich de Freiberg, Meister Eckhart, só para citar os mais importantes), tiveram acesso à obra original de Averróis e, portanto, as posições que tomaram seguiram muitas vezes rumos diferentes daquele do mestre.³⁵

3 O LUGAR EMINENTE DE ALBERTO MAGNO DURANTE A BORRASCA DE 1270

O professor Amato Masnovo, especialista italiano em Tomás de Aquino, mas também pesquisador da obra do *Doctor Universalis* e dos debates universitários parisienses da primeira metade do século XIII, sustenta que a figura de Alberto Magno tem sido, na maioria

³¹ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret Ltda., 2001, p. 221; 223.

³² DI GIOVANNI, M. *Averroè*. Roma: Carocci ed., 2017.

³³ *Idem*, p. 155.

³⁴ STURLESE, L. *L'averroismo nella cultura filosofica tedesca medievale*. *Op. Cit.*, p. 119. Tradução nossa.

³⁵ Para aprofundar esse assunto, cf. o artigo de Sturlese acima citado.

das vezes, deixada na sombra “durante a borrasca de 1270”.³⁶ Naquele ano, o bispo Estêvão Tempier de Paris condenou e excomungou treze proposições do averroísmo latino, junto com seus fautores: “Estes são os erros condenados e excomungados com todos aqueles que os terão ensinado ou sustentado conscientemente, pelo senhor Estêvão, Bispo de Paris, ano do Senhor 1270, quarta-feira após a festa do bem-aventurado Nicola, no inverno”.³⁷ Quatro eram as doutrinas às quais a condenação de Tempier mirava: 1) a negação da providência divina em relação às coisas contingentes; 2) a eternidade do mundo; 3) a unidade numérica do intelecto humano; 4) a negação do livre-arbítrio.³⁸ Tomás de Aquino, que já se confrontara com esses erros quando do primeiro ensino parisiense (1252-1259), naquele ano estava no ápice da sua porfia contra “o mais aberrante dos erros (*indecentior*)”:

Assim como todos os homens desejam naturalmente saber a verdade, também está presente nos homens o desejo natural de fugir dos erros e de refutá-los, caso haja recurso. Ora, entre os demais erros, parece ser o mais aberrante o erro pelo qual se erra a respeito do intelecto, pelo qual somos por nascença destinados a, evitados os erros, conhecer a verdade.³⁹

Quem lhe forneceu elmo, couraça e malha teóricos para esta contenda foi o mestre dele, Alberto Magno, mas não através do seu opúsculo *De quindecim problematicis*, redigido nesse mesmo período para responder a uma lista de quinze questões apresentada pelo confrade Egídio de Lessines (treze das quais correspondiam exatamente às treze teses condenadas pelo bispo Estêvão Tempier).⁴⁰

³⁶ MASNOVO, A. *Alberto Magno e la polemica Averroistica*. In: *Rivista di Filosofia Neo-Scolastica*, Vol. 24, N° 2 (marzo 1932), pp. 162-173. Tradução nossa.

³⁷ “*Isti sunt errores condemnati et excommunicati cum omnibus, qui eos docuerint scienter vel asseruerint a domino Stephano, parisiesi Episcopo, anno Domini MCCLXX die mercurii post festum beati Nicholai hyemalis*”. Apud MANDONNET, P. *Op. cit.*, p. 111, nota 1. Tradução nossa.

³⁸ Cf. *Idem*, p. 112.

³⁹ TOMÁS DE AQUINO. *A unidade do intelecto contra os Averroístas* [1]. *Op. cit.*, p. 19.

⁴⁰ Cf. NARDI, B. *Op. cit.*, p. 133. Cf. Também RODRIGUES, D. L. *Op. cit.*, p. 41.

Com efeito, a resposta do dominicano de Bollstädt foi decepcionante, opinião confirmada também por Torrell: “Alberto responderá a essa consulta por seu *De quindecim problematicus*, mas é preciso dizer que o velho mestre de Colônia não é suficientemente convincente”.⁴¹

A segunda proposição condenada por Tempier afirmava o seguinte: “Que esta é falsa ou imprópria: o homem entende (*homo intelligit*)”.⁴² Esta fórmula era a demonstração e a expressão concreta da unidade humana: quem asseverava sua falsidade, atribuía à alma intelectual (na qual se realizava o ato de entender, puramente espiritual) um ser separado do corpo. O arcebispo de Paris, portanto, condenando aqueles que declaravam ser falsa ou imprópria esta fórmula, visava reafirmar categoricamente a unidade do ser humano, composto de corpo e alma (sua forma substancial), excluindo toda possibilidade de introduzir a unicidade do intelecto possível separado para todos os seres humanos. A paternidade da expressão *hic homo intelligit*, no entanto, deve ser atribuída a Tomás que, de acordo com Masново, concentrou sua atenção nesta fórmula lapidar no combate contra o averroísmo: de fato, “ele recusa à alma intelectual um ser separado do corpo, pois, caso contrário, não se poderia atribuir ao homem (ou seja, ao composto) o ato de entender, mesmo que este ato seja espiritual”.⁴³ O inspirador do Aquinate, no entanto, é Alberto Magno, com seu tratado *De unitate intellectus*: do décimo ao décimo terceiro argumento da Segunda Parte, o dominicano alemão reitera que o princípio substancial vegetativo, sensitivo e intelectual do homem é único. Como os dois primeiros se multiplicam de acordo com os corpos, deve acontecer o mesmo com o terceiro: “Portanto, como o princípio vegetativo e o princípio sensitivo são enumerados segundo o número dos homens nos quais estão, também o princípio racional será enumerado segundo o número

⁴¹ TORRELL, J.P. *Iniciação a Tomás de Aquino*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 350.

⁴² “*Quod ista est falsa vel impropria: Homo intelligit*”. MANDONNET, M. *Op. cit.*, p. 111. Tradução nossa.

⁴³ MASNOVO, A. *Op. cit.*, p. 50. Tradução nossa.

dos mesmos”.⁴⁴ O dominicano alemão utiliza este argumento contra aqueles que defendiam a unicidade do intelecto possível, ou, que é o mesmo, da alma intelectual que, necessariamente, multiplicar-se-á de acordo com os corpos humanos. A argumentação de Tomás através do axioma *homo intelligit*, que é posterior, fundamenta-se no princípio da alma como forma do corpo, após identificar, com o Alberto Magno, o princípio intelectual com o princípio sensitivo: ambos “concluem que a alma intelectual é forma substancial multiplicável com o corpo humano, enquanto princípio substancial de operação idêntico ao princípio substancial da operação sensitiva”.⁴⁵

Durante a borrasca de 1270, o *Doctor Universalis* inspira com a sua obra o *Doctor Angelicus* justamente no seu argumento mais característico contra o averroísmo latino: *hic homo intelligit*, que implica o fato de a alma intelectual ser forma do corpo humano. O tratado *De unitate intellectus*, portanto, é a fonte de inspiração de Tomás de Aquino.

4 O LEGADO DA OBRA DE ALBERTO MAGNO

O legado que Alberto Magno deixou para a solução de problemas inerentes à natureza da alma humana tem uma clara ascendência averroísta: a imaterialidade absoluta do intelecto, a impossibilidade de reduzir a unidade entre intelecto e inteligível às uniões de tipo hilemórfico, a continuação entre intelecto possível e intelecto agente. A contestação da unicidade do intelecto possível, que ocasionou a redação do *De unitate intellectus*, constituiu o talante corajoso de suas opções psicológicas e noéticas assumidas frente a uma exegese inaceitável de Averroís, mostrando sua incompatibilidade com a doutrina aristotélica. Os argumentos que Alberto Magno apresentou no seu opúsculo são

⁴⁴ “*Igitur cum vegetativum et sensitivum sint numerata ad numerum hominum, in quibus sunt, erit etiam rationale numeratum ad numerum eorundem*”. S. ALBERTI MAGNI. *Operum Omnium. Tomus XVII, Pars I. De unitate intellectus*. Germany: Monasterii Westafalorum in aedibus Aschendorff, 1975. Edidit: Alfonsus Hufnagel, p. 16. Tradução nossa.

⁴⁵ MASNOVO, A. *Op. cit.*, p. 57. Tradução nossa.

proporcionais ao seu objetivo, que não era a refutação da síntese averroísta e sim a defesa da imortalidade pessoal do ser humano, negada pela tese da unicidade do intelecto. Esta doutrina, com efeito, não era associada pelo dominicano alemão apenas a Averróis, mas tratava-se de uma tese bastante propalada e defendida pelos filósofos árabes. Com efeito, ele escreve: “Se, portanto, se tirasse esta alma e aquela, seria um só aquilo que permaneceria de todas. Este argumento supõe que o intelecto não seja uma parte da alma, que é aquilo que quase todos os Árabes supõem, eles que foram os primeiros a cair nesse erro”.⁴⁶

O papel marginal de figura de Averróis neste tratado se explica pela falta de uma aproximação exclusivamente gnoseológica ao problema do intelecto (prioritária, ao invés, para os averroístas), e pelo predomínio de um interesse teológico (a doutrina da imortalidade pessoal da alma). Por esta razão é secundário, para Alberto Magno, apontar as incongruências e os absurdos filosóficos resultantes da tese da unicidade do intelecto (em prol da qual apenas três argumentos são atribuídos a Averróis). Assim, parece não haver uma razão histórica suficiente para definir o *De unitate intellectus* do dominicano alemão como o primeiro testemunho escrito da controvérsia averroísta.

A perspectiva de Tomás de Aquino, no seu tratado homônimo, apresenta muitas afinidades linguísticas e conceituais com a obra do seu mestre, sobretudo do ponto de vista psicológico e noético. A medievalística das últimas décadas, entretanto, tem se orientado a diferenciar estas duas perspectivas, bem como a realçar a inadequação de uma leitura que vê no *Doctor angelicus* o herdeiro natural do *Doctor Universalis*. De Libera, em particular, afirma que, para ler Alberto, é necessário esquecer Tomás (*Il faut oublier Thomas d'Aquin*); de fato, o dominicano alemão representa “a filosofia medieval no seu estado nascente, no instante preciso em que o ideal filosófico toma uma forma senão independente, pelo menos autônoma, na encruzilhada de culturas e de práticas, de formas de vida e de tensões, de facções

⁴⁶ S. ALBERTI MAGNI. *De unitate intellectus*. *Op. cit.*, p. 8. Tradução nossa.

e de escolas”.⁴⁷ Uma comparação entre os dois tratados pode vir a corroborar esta afirmação.

O *opusculus* de Alberto, conforme se mostrou acima, não parece ter sido escrito contra o filósofo de Córdoba e nem contra os assim chamados averroístas. Tomás de Aquino, ao contrário, é muito claro quanto a isso:

Já há algum tempo impregnou-se em muitos um erro, a respeito do intelecto, originado do que disse Averróis, que se esforça por asseverar que o intelecto, que Aristóteles chama de “possível” e ele próprio, com um nome inadequado, “material”, é certa substância separada do corpo, de acordo com o ser, e não se une a ele de modo nenhum como forma; mais ainda, que esse intelecto possível é um só para todos os homens, contra o que já escrevemos muito anteriormente. Mas como a petulância dos que estão errados não cessa de resistir à verdade, o que propomos como nossa intenção é escrever de novo, contra o mesmo erro, algo pelo que o citado erro seja manifestamente refutado.⁴⁸

O Aquinate, desde as primeiras páginas, expõe claramente seu método argumentativo: operar no plano estritamente filosófico e, mais ainda, filológico. Com efeito, o primeiro capítulo do *De unitate* de Tomás visa confutar, através de uma minuciosa exegese literal, a interpretação averroísta do *De anima* de Aristóteles realizada no *Grande Comentário*.⁴⁹ Para fazer isso, o dominicano de Roccasecca

⁴⁷ DE LIBERA, A. *Albert le Grand et la philosophie*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1990, p. 11 *apud* LENZI, M. «Alberto e Tommaso sullo statuto dell'anima umana» in: *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Âge*, vol. tome 74, no. 1, 2007, p. 27. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-archives-d-histoire-doctrinale-et-litteraire-du-moyen-age-2007-1-page-27.htm>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2018. Tradução nossa.

⁴⁸ TOMÁS DE AQUINO. *A unidade do intelecto contra os Averroístas* [1]. *Op. cit.*, p. 19.

⁴⁹ Cf. KLIK DE LIMA, A. *Individualidade e vis cognitiva no Grande Comentário ao De Anima de Averróis*. In: PERI – Revista de Filosofia da UFSC, Florianópolis, v. 08, n. 02, 2016, pp. 102-118. Disponível em: <http://www.nexos.ufsc.br/index.php/peri/article/viewFile/1856/1090>, acesso em 17/02/2018; _____ *Averróis e a*

dispunha da paráfrase do texto aristotélico redigida por Guilherme de Moerbeke por volta de 1267. Lançando mão de toda sua erudição e força argumentativa, o *Doctor Angelicus* mostra, ponto por ponto, que a tese da unicidade do intelecto está em contradição com o pensamento aristotélico. Contudo, não há dúvida de que o alvo da censura de Tomás seja Siger de Brabante, “o único que, antes de 1270, escreveu algo que pode ser relacionado de modo preciso às críticas de Tomás”.⁵⁰

O *De unitate* de Alberto Magno, ao invés, não é uma obra de filosofia que quer consertar um erro de interpretação, mas sim de teologia racional: lançando mão da razão, o dominicano de Bollstädt quer defender uma verdade de fé, a tese da imortalidade pessoal da alma. Por isso, o método escolhido pelos dois dominicanos é diferente: enquanto Tomás quer dar uma contra-exposição do *De Anima* aristotélico, Alberto Magno utiliza este e outros textos do Estagirita para extrair argumentos contra a unicidade do intelecto. Se, para o primeiro, o uso correto da argumentação filosófica é o objeto da disputa, para o segundo esta é apenas funcional para resolver um problema teológico.

Sem entrar em uma comparação pormenorizada dos tratados dos dois dominicanos, é lícito perguntar se o discípulo teria conhecido a produção de seu mestre. Quando o *Doctor Universalis* insere seu opúsculo na *Summa Theologiae*, termina com estas palavras: “Todas estas coisas que foram coletadas na Cúria têm origem no comando do Senhor Papa Alexandre: disso foi feito o libelo que muitos têm lido...”.⁵¹ Segundo Masново, entre estes “muitos” estava também Tomás de Aquino, o que leva o estudioso italiano a concluir que o dominicano de Bollstädt, naqueles tempos

questão do intelecto material no Grande Comentário ao De Anima de Aristóteles, Livro III, Comentário 5. In: Intuitio – Revista do PPG em Filosofia da PUCRS, Porto Alegre, vol. 5 – nº 2, Novembro de 2012, pp. 120-139. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/7629>, acesso em 17/02/2018.

⁵⁰ TOMÁS DE AQUINO. *A unidade do intelecto contra os Averroístas.* *Op. cit.*, Introdução, p. 9.

⁵¹ “*Haec omnia aliquando collegi in Curia existens ad praeceptum Domini Alexandre Papae: et factus fuit inde libellus quem multi habent...*” *apud* MASNOVO, A. *Op. cit.*, p. 57.

difíceis, com seu *De unitate intellectus* “inspira o grande atleta Tomás de Aquino justamente no seu argumento mais característico e eficaz contra o averroísmo latino no campo psicológico: ‘*hic homo intelligit*’”.⁵²

CONCLUSÃO

A indagação filosófica de Alberto Magno sobre o intelecto humano, nas últimas décadas do século XIII, foi a nascente de toda discussão filosófica que interessou grande parte do mundo cultural europeu. Além do fato de ter sido mestre de Tomás de Aquino, proveio dele a inspiração de algumas teses típicas dos averroístas (por exemplo, a clara distinção entre os âmbitos epistemológicos de filosofia e teologia). Segundo De Vaux, o dominicano alemão “testemunha, em 1240, um conhecimento amplo e preciso da obra do Comentador. Aproximou-se dela com uma simpatia aberta. Em nenhum lugar – mesmo na teoria perigosa do intelecto agente – faz sérias reservas; ele nem parece prever aqueles erros que estão contidos em estado embrionário”.⁵³ Na mesma linha do pensamento, Salman⁵⁴ afirma que a refutação sistemática do averroísmo latino foi obra exclusiva de Tomás de Aquino.

A pesquisa a respeito da controvérsia sobre a unicidade do intelecto, nas últimas décadas, apontou que não é correto afirmar que foi este o herdeiro privilegiado do mestre de Colônia. É verdade que o Aquinate também defende a imaterialidade do intelecto e do ato intelectual como o confrade alemão, tornando Averróis um interlocutor privilegiado na reflexão sobre estas questões. É verdade também que ele chega a sustentar a necessidade de reconhecer uma certa composição do intelecto, sendo a simplicidade absoluta e a pura atualidade prerrogativas exclusivas de Deus (as substâncias intelectuais devem apresentar uma mistura de potência e ato, ou, de acordo com o vocabulário tomista, de *quo est* e *quod est, quod est* e

⁵² *Idem*, p. 58.

⁵³ DE VAUX, R. *La première entrée d'Averroes chez les latins*. In: *Revue des sciences philosophiques et théologiques*, 22 (1933), p. 241. Tradução nossa.

⁵⁴ Cf. SALMAN, D. *Op. cit.*, p. 38.

esse, forma e esse).⁵⁵ Entretanto, há aspectos fundamentais em que Alberto Magno e Tomás de Aquino divergem vistosamente.

Quem vai assumir mesmo o legado do bispo de Regensburg, no âmbito da escola dominicana alemã, serão seus discípulos Dietrich de Freiberg e Meister Eckhart: a partir de uma ampliação da doutrina aristotélica do intelecto, na qual é enxertado o tema da bem-aventurança (*beatitudo*), os assim chamados “místicos alemães” irão defender a ideia de que esta não é adiada, conforme a tradição, à vida ultraterrena (*in patria*), mas já é possível neste mundo (*in via*). A finalidade dessa doutrina do intelecto é a união da alma com Deus, que se realiza no intelecto puro, porque Deus é *in primis* intelecto. Os herdeiros genuínos da noética albertiana colocam a *beatitudo* no conhecimento: o *intellectus agens* que, enquanto imagem de Deus, é uma substância, é um exemplar de todo o ser e conhece todas as coisas pela sua essência, na mesma maneira (intelectual) em que ele mesmo se conhece. A alma, formada em Deus como intelecto puro, se torna imagem de Deus, não representação ou cópia, pois a Imagem, a Palavra eterna, não possui imagem.

⁵⁵ “E, assim, encontram-se potência e ato nas inteligências, não porém forma e matéria, a não ser por equivocação. [...] E, visto que, como já foi dito, a quiddidade da inteligência é a própria inteligência, por isso sua quiddidade ou essência é o mesmo que ela própria é, e seu ser, recebido de Deus, é aquilo pelo que subsiste na natureza das coisas; e, por isso, tais substâncias são distas compostas de pelo-que-é [*quo est*] e o-que-é [*quod est*], ou de o-que-é e ser [*quod est et esse*] como diz Boécio”. TOMÁS DE AQUINO. *O ente e a essência*. Edição bilíngue. Tradução de Carlos Arthur R. do Nascimento. Apresentação de Francisco Benjamin de Souza Netto. Petrópolis: Vozes, 1995, cap. IV, [56], p. 42.

REFERÊNCIAS

- ALBERTO MAGNO. **L'unità dell'intelletto**: testo latino a fronte. Introd., trad., note e apparati di Anna Rodolfi. Milano: Bompiani, 2007.
- ALIGHIERI, D. **La divina commedia**. Roma: Armando, 2003. v. 3: Paradiso.
- ANZULEWICZ, H. Sobre el desarrollo y posición de la teoría del conocimiento intelectual en el sistema de Alberto Magno. **AnáMnesis**: Revista Semestral de Investigación Teológica, v. 21. n. 41, p. 74-90, 2001.
- ARISTÓTELES. **De anima**. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. 5. ed. Milano: Rusconi, 1999.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- DE LIBERA, A. **Averroès et l'averroïsme**. Paris: Presses Universitaire de France, 1991.
- DE LIBERA, A. **Albert le Grand et la philosophie**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1990.
- DE VAUX, R. **La première entrée d'Averroès chez les latins**. **Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques**, Paris, v. 22, n. 2, p. 193-243, 1933.
- DE WULF, M. **Histoire de la philosophie médiévale**. Louvain-Paris: J. Vrin, 1936. v. 2.
- DI GIOVANNI, M. **Averroè**. Roma: Carocci, 2017.
- GAUTHIER, R. A. Notes sur les débuts (1225-1240) du premier «averroïsme». **Révue des Sciences Philosophiques et Theologiques**, Paris, v. 66, n. 3, p. 321-374, 1982.
- GRABMANN, M. Siger von Brabant und Dante. **Deutsches Dante-Jahrbuch**, Weimar: Böhlau Nachfolgr, v. 21, p. 109-130, 1939.
- KLIK DE LIMA, A. Individualidade e vis cognitiva no Grande Comentário ao De Anima de Averróis. **PERI**: Revista de Filosofia da UFSC, Florianópolis, v. 08, n. 02, p. 102-118, 2016. Disponível em: <<http://www.nexos.ufsc.br/index.php/peri/article/viewFile/1856/1090>>. Acesso em: 13 maio 2020.
- KLIK DE LIMA, A. Averróis e a questão do intelecto material no Grande Comentário ao De Anima de Aristóteles, Livro III, Comentário 5. **Intuição**: Revista do PPG em Filosofia da PUCRS, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 120-139, nov. 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuicao/article/view/7629>>. Acesso em: 12 maio 2020.

MANDONNET, P. **Siger de Brabant et l'averroïsme latin au XIII^e siècle**. Louvain: Institut Supérieur de Philosophie de l'Université, 1908-1911.

MASNOVO, A. Alberto Magno e la polemica Averroistica. **Rivista di Filosofia Neo-Scolastica**, v. 24, n. 2, p. 162-173, mar. 1932.

NARDI, B. **Studi di filosofia medievale**. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1960.

PETAGINE, A. **Aristotelismo difficile**: L'intelletto umano nella prospettiva di Alberto Magno, Tommaso d'Aquino e Sigieri di Brabante. Milano: Vita e Pensiero, 2004.

RODRIGUES, D. L. **O conceito de memória na obra filosófica de Alberto Magno e seu significado para a educação**. 2015. 154 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/teses/2015%20-%20Divania.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

S. ALBERTI MAGNI. **Operum Omnium**. Tomus XVII, Pars I. De unitate intellectus. Germany: Monasterii Westafalorum in aedibus Aschendorff, 1975.

SALMAN, D. Albert Le Grand et l'Averroïsme latin. **Revue des Sciences philosophiques et Théologiques**, v. 24, n. 1, p. 38-64, 1935.

STURLESE, L. L'averroismo nella cultura filosofica tedesca medievale. In: NIEWÖHNER, N.; STURLESE, L. (Org.). **Averroismus im Mittelalter und in der Renaissance**. Zürich: Spur, 1994. p. 114-131.

STURLESE, L. **Storia della filosofia tedesca nel medioevo**. Il secolo XIII. Firenze: L. S. Olschki, 1996.

TOMÁS DE AQUINO. **A unidade do intelecto contra os Averroístas**. Trad., introd. e notas de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. São Paulo: Paulus, 2016.

TOMÁS DE AQUINO. **O ente e a essência**. Ed. bilíngue. Tradução de Carlos Arthur R. do Nascimento. Apresentação de Francisco Benjamin de Souza Netto. Petrópolis: Vozes, 1995.

VAN STEENBERGHEN, E. **Siger de Brabant d'après ses œuvres inédites**. Louvain: Institut Supérieur de Philosophie de l'Université, 1931. v. 1.

VAN STEENBERGHEN, E. **Maître Siger de Brabant**. Louvain-Paris: Publ. Univ. Vander-Oyez, 1977.